

## UTILIZAÇÃO DA MÚSICA COMO PARTE DO ENSINO ESCOLAR INFORMAL ESPECIAL

*USE OF MUSIC AS PART OF SPECIAL INFORMAL SCHOOL EDUCATION*

*EL USO DE LA MÚSICA COMO PARTE DE LA EDUCACIÓN ESCOLAR ESPECIAL INFORMAL*

**Dr. Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa**

Diretor na EMEB Prof. Ivani Cotobias Pimentel Maranhão

Cabralia Paulista- SP

joebarduzzi@yahoo.com.br

**RESUMO:** Acredita-se que ouvir certos tipos de música pode reduzir o estresse, a depressão e a ansiedade (fatores frequentemente associados à pobreza), melhorar o humor e aumentar a empatia e a compaixão (elementos necessários para criar um ambiente de aprendizado ideal). Apesar das evidências sugerirem que a música pode acelerar o aprendizado, aumentar a autoestima e aumentar a empatia nas crianças, música de fundo ou música para ouvir não é muito usada nas escolas públicas Brasileiras. Este artigo analisa algumas das pesquisas que foram realizadas e defende o uso muito mais amplo da música nas escolas para revigorar a experiência de aprendizagem e melhorar os relacionamentos e a prontidão para aprender. Para isso, foi realizado um estudo de revisão bibliográfica, descritivo e exploratório. Foi feito um levantamento de diversos trabalhos relacionados ao tema proposto neste estudo. Foi estudado livros, artigos, dissertações e teses de doutorado e etc. Dentre os principais resultados obtidos foi a percepção que uma série de deficiências que os educadores por meio de música podem encontrar. Na sala de aula, no entanto, todos os educadores terão dificuldades de aprendizagem. Alunos com dificuldades de aprendizagem podem ter uma variedade de “problemas atuais” que limitam seu sucesso acadêmico e social na sala de aula de música. O nível de dificuldade ou sucesso dos alunos na música dependerá de como a deficiência se apresenta e como a música aprendizagem é posteriormente afetada. Porém, percebeu-se que a música pode contribuir de forma grandiosa na superação destas barreiras e dificuldades psíquicas e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Musicoterapia. Aprendizagem. Alunos. Escola.

**ABSTRACT-** It is believed that listening to certain types of music can reduce stress, depression and anxiety (factors often associated with poverty), improve mood and increase empathy and compassion (elements needed to create an ideal learning environment) . Despite evidence suggesting that music can accelerate learning, boost self-esteem and increase empathy in children, background music or music to listen to is not widely used in Brazilian public schools. This article reviews some of the research that has been carried out and makes the case for the much broader use of music in schools to invigorate the learning experience and improve relationships and readiness to learn. . A survey of several works related to the theme proposed in this study was carried out. Books, articles, dissertations and doctoral theses, etc. were studied. Among the main results obtained was the perception that a series of deficiencies that educators

through music can find. In the classroom, however, all educators will have learning difficulties. Students with learning disabilities may have a variety of “current issues” that limit their academic and social success in the music classroom. The students' level of difficulty or success in music will depend on how the impairment presents itself and how music learning is subsequently affected. However, it was noticed that music can make a huge contribution to overcoming these psychic and social barriers and difficulties.

**KEYWORDS:** Music therapy. Learning. Students. School.

## 1 INTRODUÇÃO

A musicoterapia pode trazer suas origens aos xamãs da história às vezes que aproveitaram o poder curativo da música para ajudar aqueles que sofrem de uma variedade de doenças. Hoje a musicoterapia é internacionalmente disciplina reconhecida e praticada. A definição atual de musicoterapia, geralmente utilizada é “o uso prescrito de música por uma pessoa para efetuar uma mudança positiva nos aspectos psicológicos, físicos, cognitivos ou funcionamento social de indivíduos com problemas de saúde ou educacionais” (VÁSQUEZ-ALBUQUERQUE e CHUNGA-AMAYA, 2020).

Esta terapia tem sido amplamente definida por uma musicoterapeuta com interesse em pessoas com deficiências como “... o uso da música como ferramenta terapêutica para restauração, manutenção e aperfeiçoamento psicológico, mental e saúde fisiológica e para a habilitação, reabilitação e manutenção de habilidades comportamentais, de desenvolvimento, físicas e sociais – tudo dentro do contexto de um cliente-terapeuta relação” (VIEIRA, 2020, p. 23).

A musicoterapia é usada com uma ampla gama de populações – pessoas no hospital, pessoas com distúrbios psiquiátricos, idosos, pessoas em hospícios, pessoas com problemas neurológicos, pessoas com autismo e adultos e crianças com deficiência intelectual. A musicoterapia é vista pelos musicoterapeutas como uma contribuição útil para a educação de alunos com necessidades educativas especiais.

Os musicoterapeutas veem a musicoterapia como uma “profissão bem estabelecida semelhante à profissional terapia e fisioterapia” (DE SOUZA, 2021, p. 12). outros, no entanto, o colocaria na categoria de abordagens controversas ou não comprovadas em educação especial, devido à falta de evidências sobre sua eficácia. Seu uso não está incluído textos padrão sobre a educação dos alunos com deficiências moderadas a graves e é não incluído em artigos que revisam

abordagens eficazes para educar essa população. A musicoterapia, no entanto, atende alguns dos critérios para identificar práticas controversas identificadas por (SUZUKI e SOUZA, 2020).

Por exemplo, a promoção do seu uso depende em grande parte em evidências anedóticas e de estudos de caso, alguns proponentes são hostis à avaliação científica, e os proponentes afirmam benefícios para uma ampla gama de condições. Mesmo assim, o uso da musicoterapia em programas educacionais para alunos com deficiências graves é muito difundido. Como, então, as escolas e os professores devem trabalhar com alunos com deficiências psíquicas e sociais para abordar esta terapia?

O objetivo desta pesquisa é analisar algumas das pesquisas que foram realizadas e defende o uso muito mais amplo da música nas escolas para revigorar a experiência de aprendizagem e melhorar os relacionamentos e a prontidão para aprender. Para isso, foi realizado um estudo de revisão bibliográfica, descritivo e exploratório. Foi feito um levantamento de diversos trabalhos relacionados ao tema proposto neste estudo. Foi estudado livros, artigos, dissertações e teses de doutorado e etc.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Classificação**

Pode-se encontrar musicoterapeutas em uma ampla variedade de ambientes, fazendo bastante diferentes tipos de musicoterapia, e praticando diversas perspectivas. Fornecer uma classificação das principais abordagens não é uma tarefa simples. Souza (2021) definiu seis áreas gerais nas quais a música terapeutas praticam: (1) didático, principalmente de natureza educacional, que enfatiza a obtenção de habilidades necessárias para uma vida funcional independente; (2) médico, que se concentra na restauração ou manutenção da saúde; (3) cura, que é o uso das formas de energia universal inerentes à música para mudar; (4) psicoterapêutica, que proporciona aos clientes experiências que levam ao sentido e à realização; (5) recreativo, que utiliza música para divertimento pessoal; e (6) ecológico, que se concentra na promoção da saúde na comunidade, família e local de trabalho.

Abordando a classificação de um ângulo diferente, Suzuki e Souza (2020) categoriza a prática da musicoterapia em relação a quatro teorias da psicologia: (1) psicodinâmica, com foco nas motivações inconscientes e acionamentos; (2) comportamental, concentrando-se em comportamentos evidentes e observáveis; (3) humanística, com foco na autorrealização e significado pessoal; e (4) transpessoal, com foco em experiências transcendentais e consciência de unidade.

Há também cinco modelos internacionais atuais de musicoterapia que representam uma variedade de abordagens clínicas. Um modelo de musicoterapia é aquele que tem uma orientação específica em uma teoria da psicologia (ou seja, psicodinâmica, comportamental, biomédica, humanística ou transpessoal), definiu protocolos de avaliação (que podem ser baseados musicalmente), planejamento do tratamento (com técnicas específicas, como improvisação), e inclui avaliação. Um modelo incluiria, portanto, “princípios teóricos, indicações e contraindicações clínicas, objetivos, diretrizes e especificações, e o uso característico de certas sequências e técnicas procedurais” (SANTOS, 2018).

## **2.2 A música como um modificador de vida**

Os jovens na sociedade contemporânea enfrentam uma série de desafios. Mudanças no apoio familiar às estruturas, combinadas com o colapso das normas sociais, levaram alguns a se sentirem marginalizados e preocupados com seu futuro. Jovens incapazes de lidar com as pressões que enfrentam muitas vezes sofrem de baixa motivação, falta de confiança e baixa autoestima (VIEIRA, 2020).

Tais sentimentos de alienação são muitas vezes refletidos em comportamentos de risco, como baixo desempenho escolar, promiscuidade sexual, evasão escolar e uso indevido de drogas e álcool. Por outro lado, a pesquisa mostrou que os jovens envolvidos em desafios, comportamentos complexos e intrinsecamente gratificantes, por exemplo, aprendendo a tocar um instrumento musical, são mais propensos a ver essas atividades como proporcionando uma sensação de realização, liberdade e autodeterminação (VÁSQUEZ-ALBURQUEQUE e CHUNGA-AMAYA, 2020).

Além disso, os jovens também são mais propensos a perseverar com tais comportamentos. De acordo com Santos (2018), os indivíduos envolvidos em atividades que acreditam proporcionar um senso de autonomia, competência e engajamento têm uma tendência aumentada para o comportamento autodeterminado e é menos provável que se envolvam em comportamentos de risco.

O Desenvolvimento Positivo da Juventude (DPJ) é uma área emergente de prática e pesquisa que aplica uma perspectiva baseada em pontos fortes para a promoção de resultados positivos para os jovens (DE SOUZA, 2021). Essa perspectiva rejeita a visão dos jovens como problemáticos e que precisam de remediação, promovendo sua resiliência e valor para os outros e para sua comunidade. Este estudo examina as maneiras pelas quais um programa de música promove os resultados do (DPJ) em quatro ambientes escolares desfavorecidos socioeconômicos em Nova Gales do Sul, Austrália. especificamente. A pesquisa investiga a aprendizagem dos jovens decorrente da participação, do ensino e práticas de aprendizagem que promovem a aprendizagem, e os fatores ambientais que envolvem e aprendizado musical (ARAÚJO; LEITE; DA SOLIDADE, 2019).

### **2.3 Situações ou práticas de aprendizagem formal e informal versus formal e formas informais de aprender**

A maioria das pesquisas em educação musical até agora tratou da formação musical em instituições ambientes, como escolas, e é, portanto, baseado, implícita ou explicitamente, na suposição de que a aprendizagem musical resulta de uma exposição metódica e sequenciada à música ensino em um ambiente formal. Esta definição não é apenas problemática, se é que é verdadeira, mas pode ter sérias consequências para a forma como as questões de pesquisa válidas são formuladas e para a aplicabilidade dos resultados da pesquisa no desenvolvimento tanto do ensino de música quanto do professor de música (SUZUKI e SOUZA, 2020).

Consequentemente, a fim de perceber e compreender o caráter multidimensional do ensino de música, a aprendizagem musical deve ser considerada em um contexto muito mais amplo do que é típico de grande parte da literatura de pesquisa contemporânea. No entanto, durante a última década, tem despertado o interesse em levar em consideração não apenas as situações de

aprendizagem formalizadas em ambientes institucionais, como as escolas, mas também todas as várias formas de aprendizagem que acontecem na aprendizagem musical informal práticas fora das escolas (VIEIRA, 2020).

Essa mudança de perspectiva é resumida por Santos (2018) como uma mudança geral de foco – do ensino para a aprendizagem e, conseqüentemente, do professor para o aluno (aluno). Assim, implica também uma mudança de foco, de como ensinar (métodos de ensino) e o resultado do ensino em termos de resultados vistos da perspectiva do professor, para o que aprender, o conteúdo da aprendizagem, e como aprender, a forma de aprender – no nosso caso, como vários fenômenos musicais são percebidos, vivenciados e expressos em atividades musicais pelo aprendiz.

Essa perspectiva de pesquisa em educação musical apresenta a noção de que grande parte da aprendizagem musical ocorre fora das escolas, em situações em que há sem professor, e em que a intenção da atividade não é aprender sobre música, mas tocar música, ouvir música, dançar música ou estar junto com a música. Hoje, isso é mais acentuado como resultado dos computadores e das novas tecnologias e todas as atividades musicais na Internet, na qual o global e o local interagem de forma dialética (ARAÚJO; LEITE; DA SOLIDADE, 2019).

Os recentes desenvolvimentos tecnológicos e o crescente impacto dos meios de comunicação significam que ouvir e criar música constitui um grande e integrado na vida de muitos jovens. Isso significa que um professor de música nunca encontra alunos musicalmente ignorantes, sem instrução ou sem instrução: pelo contrário, quando os alunos estudam, todos eles possuem um rico e de certa forma sofisticado conhecimento musical, adquirido de uma variedade de atividades musicais fora da escola (CATRIB e DE MEDEIROS, 2021).

Aplicando uma perspectiva sociocultural na educação musical (Vásquez-Albuquerque e Chunga-Amaya (2020), a questão de ter ou não, por exemplo, música popular na escola, é irrelevante: a música popular já está presente na escola, trazida pelos alunos, e em muitos casos também pelos professores, como parte de sua experiência e conhecimento musical.

A questão é sim: como lidar com isso? Nega-se o fato de que a música popular é um fator essencial do contexto do ensino de música na escola, ou reconhecemos as experiências e conhecimentos musicais dos alunos como ponto de partida para Educação? O mesmo vale para

decidir se deve ou não prestar atenção ao fato de que muito conhecimento musical é adquirido fora da escola, em práticas musicais informais, e que esta é a experiência de aprendizagem de muitos alunos, independentemente de serem crianças pequenas, adolescentes ou estudantes adultos em Escolas de Música e formação de professores programas (LOTTERO CHAMORRO, 2019).

Santos (2018, p. 21) estabelece que “tocar de ouvido ou de notação são apenas diferentes comportamentos e práticas musicais, cada um com suas próprias vantagens e desvantagens”. Ele continua sugerindo que “a oposição entre oralidade e letramento não deve ser vista como uma oposição entre duas condições, como uma dicotomia, mas sim como um continuum onde as culturas têm diferentes graus (assim como tipos) de alfabetização”.

A categoria do meio, a educação, é interessante na discussão das relações formais e informais. Aprendendo. O conceito deriva do verbo *educare*, que significa trazer à luz neste contexto; trazer e/ou desenvolver as capacidades, habilidades e aptidões que já potencialmente existentes no aluno. Nesse processo o professor é como um jardineiro, criando boas condições para que o aprendizado aconteça. Aqui vejo paralelos com as ideias de Rousseau e Dewey, e “pedagogia da reforma” como Freire, para dar alguns exemplos (NASCIMENTO e BEGGIATO, 2020).

A educação é, como eu vejo, o ponto de encontro para a aprendizagem formal e informal: formal no sentido de que é organizado e dirigido por um professor, mas informal no sentido de que o tipo de aprendizagem que é obtido e as formas como isso é alcançado têm muito em comum com as características da aprendizagem cotidiana fora da escola (ARAÚJO; LEITE; DA SOLIDADE, 2019).

Em seu estudo de entrevistas com músicos de rock profissionais e não profissionais, entre 15 e 50 anos, Funes López (2020) descreve suas estratégias de aprendizagem musical para se tornarem músicos de rock como exemplo de aprendizagem musical informal. Ela discute as consequências de suas descobertas em relação às formas formais e institucionalizadas de educação musical. Interessantemente bastante, e um tanto paradoxalmente, quando esses músicos de rock ensinam outros em instituições de ensino, eles usam estratégias de aprendizagem formal em seu ensino, em vez de usando as estratégias de aprendizagem que eles mesmos já praticaram: eles preferem ensinar de maneira muito formas formais e tradicionais, apesar de sua própria formação musical informal pessoal.

Esses músicos de rock parecem ter concepções bem estabelecidas sobre o que é aprendizagem ‘adequada’, ou em vez disso, o que é o ensino “adequado”. Em outras palavras, ao começar a ensinar, a construção ensino e a concepção do que significa ser professor são tão fortes que mesmo com experiências pessoais totalmente diferentes de aprender música, essas experiências dão lugar à construção de ensino geralmente conhecida. Isso confirma as conclusões de Funes López (2020) em seu estudo sobre o novo programa de formação de professores de música na Suécia, que começou no início da década de 1970.

Ele argumenta que, nesse aspecto, a música popular só entrou nas configurações institucionais formais em termos de conteúdo. Estratégias de aprendizagem formal e informal parecem atuar de forma dialética, de tal forma que músicos de todos os gêneros estratégias de aprendizagem informal em sua prática de aprendizagem musical, como mostrado, por exemplo, por Suzuki e Souza (2020) em seu estudo sobre as abordagens dos pianistas clássicos à notação musical.

O estudo de Bermejo (2021) sobre como os adolescentes vivenciam e falam sobre a aprendizagem musical transita entre os dois campos da aprendizagem musical na escola e no lazer. Dois principais discursos foram identificados: o discurso da música e o discurso da escola assunto Música. O discurso da música é amplo e abrange a música também nos momentos de lazer como na escola.

Consiste em ouvir e musicar, ou seja, todos os tipos de atividades musicais, como descrito por (FIGUEIREDO, 2020). O discurso da disciplina Música é estreito e legitimado apenas por sua posição como disciplina escolar. Curiosamente, nos resultados do estudo de Ericsson, mostra-se também que a concepção de aprendizagem descrita anteriormente como educação é válida aos olhos dos adolescentes: questões de valor, como preferência e interpretação deve, na maior medida possível, ser deixada para os alunos, e o professor deveria (de acordo com os adolescentes) em vez disso, ajudar os alunos, dando-lhes ferramentas de expressão, como treinar habilidades e fornece um ambiente adequado para a música (SANTOS, 2018).

A Ericsson descobriu que o que muitos alunos queriam na escola era mais do tipo de atividades musicais e aprendizagem que acontece fora da escola, ou seja, o discurso a matéria escolar Música a ser substituída na escola pelo discurso da música.

O discurso da música tem relação com o que De Oliveira (2020) chamou de tocar música – enquadramento musical na terminologia de Dos Reis e Da Silva (2021) – ao passo que o foco do discurso da disciplina escolar Música corresponde a aprender a tocar música e a enquadramento, respectivamente.

#### **2.4 A música nas escolas**

O lugar da música nas escolas brasileiras continua incerto à medida que iniciamos um novo milênio de educação pública. Enquanto o negócio de produzir e vender música prospera comercialmente, ouvir e fazer música continua a ser de grande interesse para uma grande população de jovens e adultos, e enquanto centenas de escolas comunitárias em todo o país oferecem instrução musical para aqueles que podem pagar, o estudo abrangente e sequencial da música ainda não foi aceito como um ingrediente central da educação pública (NASCIMENTO e BEGGIATO, 2020).

As músicas estão em todas as plataformas digitais e geraram novas formas de comunicação, pensamento, trabalho, relacionamento, aprendizagem e vida, criando alternativas de comunicação e ampliando as possibilidades de acesso à informação. Assim, exercem influência em vários aspectos da vida cotidiana, incluindo os contextos de ensino e aprendizagem. Democratizar exponencialmente o acesso à informação influencia as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos, os papéis desempenhados e as formas de aprender.

A acessibilidade e flexibilidade relacionadas às tecnologias digitais, que podem ser acessadas por dispositivos móveis portáteis, podem proporcionar aos alunos maiores oportunidades de aprender em atividades fora da sala de aula com um nível mais alto de atividade cognitiva. Além do acesso, esses médiums usam palavras e imagens intensamente para promover a compreensão humana, pois quem aprende pode ser capaz de integrar mentalmente representações visuais e verbais, diferentemente de metodologias baseadas exclusivamente em palavras e exposição verbal. A diversidade de possibilidades nos permite combinar e criar novas modalidades de ensino, como o *blended learning*. Em sentido mais estrito, significa a mistura entre educação presencial e a distância (mais especificamente online).

No entanto, há pelo menos outro sentido para a expressão, que aponta para a combinação de diferentes espaços de aprendizagem (dentro e fora da sala de aula, por exemplo), ou mesmo entre aprendizagem formal e informal. Nesse sentido, o online não seria um elemento essencial para a definição de híbrido. O ensino híbrido permite que os alunos aprendam online, experimentando algum controle sobre o tempo, lugar, caminho e/ou ritmo, e outras vezes em um local físico para aprender de forma supervisionada, fora de casa.

Além disso, os espaços da sala de aula foram naturalmente obrigados a reformar, pois a sala de aula, cadeiras alinhadas, lousa e giz, com o professor à frente da turma, não é mais a única forma de ensinar e aprender. O desenvolvimento de metodologias ativas acompanhou o redesenho dos ambientes de aprendizagem presencial, que agora precisam acomodar hardware, projetores, monitores, móveis, espaços de simulação e outras tecnologias, tudo baseado em *wi-fi*, possibilitando mais socialização, interação e colaboração, mesmo com alunos que estão em outros lugares, distantes.

Talvez a razão pela qual os formuladores de políticas tenham resultado em apoiar a música como disciplina central nas escolas públicas é que educadores, administradores, artistas e pais parecem estar divididos em sua defesa do papel essencial da música na educação pública. De um lado, os “essencialistas” argumentam que a música deve ser ensinada por si mesma (FIORESE, *et al*, 2020).

Os essencialistas sustentam que, embora existam evidências de vários tipos de benefícios auxiliares da instrução musical, os professores de música devem se concentrar apenas na instrução do próprio conjunto de habilidades e literatura da música e não ser responsáveis por extrair “benefícios extramusicais” desta instrução.

Em contraste, os simpatizantes do ponto de vista “instrumentista” acreditam que a música não existe no vácuo, que está intrinsecamente ligada a outras áreas temáticas e formas de arte, e que a aprendizagem em música inevitavelmente se baseia e envolve processos de aprendizagem e conceitos fundamentais compartilhados em muitas áreas temáticas - muitas vezes simultaneamente (EIZAGUIRRE, 2018).

À medida que surgem pesquisas que estabelecem relações mais fortes entre música e aprendizagem em outras áreas do currículo, os defensores de ambos os campos são pegos em

um dilema complicado. Enquanto um lado se preocupa em agradar aos administradores ou aos conselhos escolares que tomam decisões com base principalmente nos resultados dos testes nas disciplinas acadêmicas, o outro lado se preocupa que, se ignorarmos aspectos da transferência de aprendizado entre música e outras disciplinas, a educação musical permanecerá fora da corrente principal da educação pública e, portanto, sobreviverá apenas como uma opção educacional para os poucos talentosos ou altamente motivados (VÁSQUEZ-ALBURQUEQUE e CHUNGA-AMAYA, 2020).

Os trabalhos de pesquisa revisados neste Compêndio apoiam um modelo mais interativo de aprendizado em e através da música. Embora o estudo da música ocorra de forma isolada do aprendizado de matemática e línguas nas escolas de hoje, pesquisas sugerem que a música funciona como um catalisador para habilidades cognitivas e aspectos do desenvolvimento socioemocional em todo o mundo. disciplinas, especialmente quando as condições de transferência são otimizadas por meio do ensino de princípios e processos que envolvem e aprofundam o aprendizado em todas as disciplinas (DE SOUZA, 2021).

Conseqüentemente, os estudos revisados neste compêndio sugerem como educadores musicais e formuladores de políticas podem ajudar a resolver o que cada vez mais parece ser uma falsa dicotomia entre o essencialista e o instrumentista de posições. A lacuna entre esses dois pontos de vista está começando a ser superada por meio de pesquisas que serão relatadas aqui em termos de quatro grandes temas (SANTOS, 2018).

## **2.5 Programas de música e jovens desengajados**

Vários estudos recentes apoiam a visão de que envolver-se em experiências de aprendizagem musical pode ter efeitos positivos para os jovens que se desligaram do ensino regular ou que são participantes do sistema de Justiça Juvenil. Esta pesquisa sugere que os jovens o envolvimento em programas de música contribui para: melhorias na autoeficácia, autoestima, e autoconceito, melhoras no humor, estados socioemocionais, comportamento e aumento da participação positiva, o desenvolvimento de identidades positivas em vez de identidades “ofensivas”, maior conhecimento de diferentes estilos e gêneros musicais, aumento de

comportamentos sociais positivos, confiança e autoestima e capacidade de se envolver e persistir em tarefas de aprendizagem (VIEIRA, 2020).

Esses autores concluem que o engajamento musical leva a benefícios sociais mudança e mudanças positivas na identidade. O desenvolvimento de crenças positivas sobre si mesmo tem se mostrado um importante contribuinte para o crescimento positivo dos jovens. Assim, há razão para sugerir que o envolvimento musical pode contribuir para o (DPJ) através da música influência nas dimensões pessoais e sociais da vida dos jovens (DE SOUZA, 2021).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados sugerem que os alunos desenvolvem habilidades de trabalho em equipe, incluindo a capacidade de assumir papéis de liderança e aceitar outros nesses papéis, e as habilidades sociais e de comunicação. É importante ressaltar que os alunos evidenciam os hábitos de persistência e tomada de risco em situações de aprendizagem que os movem além da evitação por medo da falta de participação como meio para desenvolver habilidades e compreensão.

Além disso, os resultados foram bastante desejáveis, uma vez que ficou claro que os jovens estavam orgulhosos de seus níveis crescentes de competência musical e níveis gerais de confiança em especial. Alguns alunos sugeriram que essa confiança também se estendia a outras áreas da sua vida escolar, como a autoconfiança e a confiança social. Vários estudos têm mostrado que dominar uma tarefa desafiadora que pode ser transformada em uma realização positiva, pode, em por sua vez, influenciar as atitudes dos jovens em relação às dificuldades que podem enfrentar no futuro.

Aprender um instrumento musical pode ser descrito como um “processo proximal”, ou seja, uma atividade que ocorre “regularmente por um longo período de tempo e se torna progressivamente mais complexo”. Essa aprendizagem, quando gerida cuidadosamente, tem o potencial de inculcar nos jovens a crença de que mesmo diante dos desafios, as dificuldades podem ser superadas e as metas podem ser alcançadas.



**VIEIRA, F. M. R. A voz do silêncio: musicoterapia na pedopsiquiatria aplicada a perturbações emocionais. 2020. Dissertação de Mestrado.**